



UnB

Faculdade de
Educação Física

Universidade de Brasília – UnB

Yuri Silva Dantas

**NATAÇÃO ESCOLAR: AUTOPERCEPÇÃO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR
PARA ATUAÇÃO FRENTE AO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

Brasília – DF

2022
YURI SILVA DANTAS

**NATAÇÃO ESCOLAR: AUTOPERCEPÇÃO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR
PARA ATUAÇÃO FRENTE AO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA**

Monografia apresentada ao curso de Educação Física –
Licenciatura na Universidade de Brasília para obtenção
da graduação em Educação Física – Licenciatura.
Orientadora: Prof. Dr. Rochelle Rocha Costa.

Brasília – DF
2022

YURI SILVA DANTAS

NATAÇÃO ESCOLAR:
AUTOPERCEPÇÃO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR PARA ATUAÇÃO FRENTE
AO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação Física, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Brasília, 19 de Novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra.a Rochelle Rocha Costa
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Paulo José Barbosa Gutierrez Filho
Universidade de Brasília

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que apresenta alterações de comportamento social, comunicação e linguagem, com um repertório restrito, estereotipado e repetitivo, cada vez mais crianças estão sendo diagnosticadas com o transtorno do TEA. Visto isso, a atividade física e principalmente a natação, são exercícios que auxiliam o desenvolvimento dessas crianças, como a consciência corporal e desenvolvimento das habilidades motoras, além dos aspectos sociais. Sendo assim, o objetivo do trabalho é conhecer as características das aulas de natação para crianças com TEA pela autopercepção do professor, bem como sua capacitação para atuação. O estudo se caracterizou como uma pesquisa observacional, de corte transversal e abordagem qualitativa, na qual utilizou-se uma entrevista semiestruturada com três professores da rede privada de ensino do Distrito Federal, na qual fornecessem a prática de natação aos discentes e em suas turmas tivessem presente alunos com o TEA. Diante disso, os resultados obtidos, tiveram o propósito de responder aos quatro objetivos específico do estudo, sendo o primeiro a autopercepção dos professores diante da sua capacitação para ministrar as aulas com crianças com TEA, foi evidenciado que os três professores não se sentem totalmente capacitados para ministrar as aulas. Como resultado do segundo objetivo específico, sobre adaptações das aulas para crianças com TEA, dois professores apresentaram não fazer alterações nas suas aulas e um professor apresentou estratégias diferentes para crianças com TEA. O terceiro objetivo específico apresenta sobre os desafios encontrados pelos professores, destacou-se a questão do comportamento do aluno, em se manter paciente e esperando a vez para ir realizar o exercício, ademais foi salientado a presença de outros transtornos além do TEA. O quarto objetivo refere-se ao papel do acompanhante especializado, todos os 3 professores ressaltaram a importância de ter-lô dentro da piscina com a criança com autismo. Dessa forma conclui-se desse estudo que os professores não se sentem capacitados para ministrar aulas para crianças com transtorno do espectro autista, pelo transtorno apresentar hábitos diferentes por cada criança. Sendo assim, evidenciou que quando o aluno apresenta algum desconforto o professor adapta sua metodologia de ensino para abranger-lô. Diante disso, constatou os desafios diários dos professores de educação física nas aulas de natação com crianças autistas, como o comportamento enérgico e por muitas vezes o transtorno está acompanhado por outro transtorno como TOD (Transtorno Opositor Desafiador). Assim, evidenciou a importância do professor estar com um acompanhante especializado dentro da piscina para auxiliar a criança com TEA nas atividades e preservando a segurança do aluno.

Palavras chaves: Autismo; TEA; Natação; Natação escolar; Professor de Educação Física;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
OBJETIVO	10
1.1 Objetivo Geral	10
1.2 Objetivos específicos	10
JUSTIFICATIVA	10
REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 Natação	11
2.2 Natação no contexto escolar	13
2.3 Transtorno do Espectro Autista	17
2.4 Inclusão no ambiente escolar	20
2.5 Inclusão do TEA nas aulas de educação física	23
2.6 Benefícios da natação para crianças com TEA	25
METODOLOGIA	29
RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

A relação entre o homem e a água se apresenta desde a antiguidade, saber se deslocar na água era quase uma obrigatoriedade, pois os homens viviam próximos de rios, lagos e mares. Uma das principais teorias sobre o início da natação, acredita-se que os homens começaram a desenvolver as técnicas através da observação dos animais (SILVA, 2020).

Atualmente a natação é praticada em 4 estilos: Crawl, Costas, Peito e Borboleta. Para chegar a esses 4 estilos são utilizados nados considerados não formais, conhecidos também como nado de sobrevivência, utilizados para o ensino da natação, mas também para auxiliar no salvamento de pessoas. Através do ensino da natação são desenvolvidas habilidades motoras como: equilíbrio, rotações, propulsões, a respiração, ritmo, e a coordenação motora, que são habilidades que são expandidas ao longo do processo de aprendizagem da prática, como a respiração, que é espontânea, e é ensinada a partir do momento em que se entra na água. Sendo assim, a procura pela prática da natação aumenta cada vez mais, pois com o baixo índice de lesões se torna uma das modalidades esportivas mais citadas para o desenvolvimento de habilidades motoras de crianças (BORTOLUZZI, 2015).

Dessa forma, a natação propõe uma experiência ativa de confrontação com o meio líquido, através da ação natural e espontânea da criança no meio, permitindo exercer sua autonomia e descobrir sua própria motricidade (FARIAS, 1997). Quando buscamos desenvolver as habilidades básicas de locomoção no ambiente aquático no período infantil, é elaborada uma estrutura baseada no conceito de consistência, constância, diversificação e complexidade. Consistência e constância é uma fase mais primitivo do nado, na qual ainda não se amadureceu os movimentos motores e nem a compreensão da criança no meio líquido, quando ocorre o amadurecimento e o entendimento do movimento no ambiente entramos na diversificação, na qual passa por diferentes experiências, como de velocidade, andar em estruturas inclinadas para ter um novo padrão coordenativo. Após passar por essas fases da estrutura chega na complexidade, que depois de obter esse vasto repertório motor, aumenta-se a dificuldade de ações motoras ocasionando melhorias no desenvolvimento desses movimentos passando por um processo de formação de ações mais complexas que corresponde ao aumento da diversidade motora (FILHO, MANOEL. 2002).

A natação traz benefícios com todas essas características, porém ao pensarmos no ambiente escolar ela ainda é pouco difundida, na maioria das vezes em que é oportunizada nas escolas, são trabalhadas de maneira visando o treinamento e competição (FARIAS, 1997). Porém, em contrapartida, Brandalise (2017) traz uma dimensão diferente do modelo competitivo apresentado atualmente. Expondo uma visão da natação, como o simples ato de se deslocar livremente dentro do meio líquido, pensando na adaptação ao ambiente aquático.

BORTOLUZZI, (2015) afirma que:

“Uma criança tem um melhor desenvolvimento motor quando se envolve em diferentes estilos de atividades e em diferente ambientes e a natação sendo uma dessas atividades se torna uma das mais completas no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades motoras como também na formação de um perfil de ser cidadão em relação a sua personalidade, isto tudo é possível dependendo da forma na qual ela é aplicada, uma opção para isto acontecer seria enfatizar a interdisciplinaridade entre jogos e brincadeiras relacionadas a outras disciplinas como, por exemplo, a matemática.”

Dessa forma, propõe-se ao professor que desenvolva uma abordagem diferenciada para os jogos e modalidades esportivas, que não parta do gesto técnico e sim do significado que os fundamentos desses jogos e modalidades possuem (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Entretanto, apesar dos benefícios que a natação fornece a quem pratica, a implementação da modalidade nas escolas é pequena, e se explica em parte pelos altos custos das instalações necessárias para se ter uma piscina dentro do ambiente escolar. Sendo assim, o baixo investimento do governo para que uma escola forneça a prática da natação torna a modalidade ausente em quase todas as instituições públicas de ensino de nosso país, se tornando mais frequente nas escolas particulares (BORTOLUZZI, 2015).

Havendo um investimento nas escolas, para a implementação da prática de natação, esta poderia ainda subsidiar um estilo de vida saudável e uma melhor qualidade de vida aos estudantes, assim como afirma Bortoluzzi (2015):

“A inserção da natação dentro das escolas poderia servir como base aliada ao desenvolvimento das diversas habilidades motoras dos educandos, tais como: equilíbrio, rotação, propulsão, respiração, coordenação motora e ritmo. Estas habilidades que podem influenciar a vida do aluno não só no período escolar, e sim para o resto de sua vida, pois se trata de simples fatores que estão interligados com o nosso dia a dia que exige uma boa condição física, ou seja, a natação age como promotora da saúde para seus praticantes.”

Além dos aspectos físicos, a vivência motora que a natação propõe para as crianças é de grande

importância, pois abre vínculos e experiências de socialização. Por isso, recomenda-se estimular o mais cedo possível para que haja uma resposta mais rápida e eficiente do desenvolvimento da criança. Dessa forma, a natação é bastante recomendada para crianças diagnosticadas com alguns transtornos comportamentais, sociais e cognitivos (OLIVEIRA et al. 2021). Entre esses transtornos, apresentasse o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que segundo a Associação de Amigos do Autista (AMA, 2017), define como um transtorno que apresenta alterações de comportamento social, de comunicação e linguagem, com um repertório restrito, estereotipado e repetitivo.

O autismo, como também é chamado o TEA, tem diferentes formas de se demonstrar, há pessoas com o TEA que apresentam habilidades de interação social mais prejudicadas, tendo uma grande dificuldade em estabelecer contato e de se relacionar (LORENZO et al. 2020).

Dessa forma, Santos e Brognoli (2005), concluíram em seu estudo a importância de haver um Atendimento Educacional Especializado (AEE) no processo de inclusão escolar do aluno com TEA, e a necessidade de o professor reconhecer as dificuldades individuais de cada aluno, para assim poder aperfeiçoar seu método e desenvolver suas competências, buscando assim, compreender as dificuldades do indivíduo no processo educacional, sendo capaz de aprimorar habilidades motoras e capacidades comunicativas da criança. Com a inclusão do autista na escola, as aulas de educação física para esse indivíduo possibilitam um melhor desenvolvimento das habilidades sociais, além de uma melhora na qualidade de vida desse aluno (TOMÉ, 2007).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem como principal função elaborar e organizar recursos pedagógicos para que haja uma maior acessibilidade para os alunos com necessidades específicas. As propostas dessas atividades elaboradas pelo AEE são diferentes das produzidas em sala de aula, ele complementa o que é produzido em sala de aula, visando que os alunos possam ter maior autonomia e independência na escola e fora dela (MEC/SEESP, 2007).

Com o intuito de fornecer qualidade de vida e desenvolvimento global à criança com TEA, a atividade mais procurada pelos pais com filhos autistas, é a natação, pois é um esporte completo que ajuda na consciência corporal e desenvolvimento das habilidades que auxiliam no seu desenvolvimento (OLIVEIRA et al, 2021).

Oliveira et al., (2021) concluíram em seu trabalho que:

“Os resultados apontam que houve melhoras significativas em aspectos fisiológicos, motores, sociais e cognitivos, contribuindo para o desenvolvimento global da criança com TEA. Com isso, foi possível concluir que a natação tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança com autismo, pois, auxilia na coordenação motora, trazendo uma melhora na interação social, ajudando a criança a se desenvolver no que diz respeito à socialização tanto com o professor quanto com as demais crianças e com a família.”

Para que haja um adequado desenvolvimento dos alunos com TEA, Nascimento e Borges (2021), apresentam a importância do lúdico nas aulas de natação para esse grupo de alunos, pois a aprendizagem através do uso do lúdico, da pedagogia de brincadeiras e jogos diversos com intervenções docentes é significativa para os alunos autistas. Chicon et al., (2013) afirmam que as atividades lúdicas propostas nas aulas de natação são benéficas para as crianças autistas, dessa forma proporcionando um maior desenvolvimento na ampliação de seus movimentos, além das suas experiências com brincadeiras novas, e sua relação com professores e as crianças, facilitando e melhorando a prática inclusiva.

Porém, é comum ver profissionais de educação física sem a formação e conhecimento sobre o que é o transtorno do espectro autista denominando essas crianças como “alunos problemas”, justificado pelo seu comportamento em sala que por muitas vezes impossibilitam o processo de ensino-aprendizagem dos outros alunos e do seu próprio desenvolvimento (LORENZO et al, 2019).

Docentes que apresentaram à falta de uma formação regular orientada para os aspectos inclusivos, demonstra uma prática negativa do professor, pois necessita estar atualizado com as novas informações no que se refere a sua atuação profissional (BARBOSA et al, 2013).

Evidenciando o aumento de diagnósticos de crianças com TEA, devido às mudanças no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), que com a nova atualização passou a ser CID-11 e DSM-5, que entrou em vigor em janeiro de 2022. Diante disso, o presente trabalho buscou investigar se os profissionais de educação física, que trabalham na escola com ensino da natação, se sentem capacitados para receber crianças com o transtorno do espectro autista em suas aulas.

OBJETIVO

1.1 Objetivo Geral

- Conhecer as características das aulas de natação para crianças com TEA pela autopercepção do professor, bem como sua capacitação para atuação.

1.2 Objetivos específicos

- Identificar se os professores se percebem capacitados para ministrar aulas de natação para crianças autistas.
- Conhecer as principais adaptações realizadas na aula de natação para atender crianças com TEA.
- Levantar os principais desafios identificados pelo professor de natação no trabalho com crianças com TEA.
- Descrever o papel do acompanhante especializado nas aulas de natação para crianças com TEA sob a visão do professor da turma.

JUSTIFICATIVA

A natação é uma modalidade que consegue desenvolver aspectos, motores, afetivos e sociais, quando trabalhado com crianças possibilita o seu desenvolvimento, como o da sua consciência corporal, além de promover mais qualidade de vida e uma maior interação com novas pessoas, e ter um novo repertório motor, que são as habilidades aquáticas.

Refletindo sobre essas possibilidades que a natação fornece para as crianças, nota-se o baixo índice de escolas que fornece essa prática, por falta de investimentos, espaços e instalações físicas, além do baixo preparo dos professores das escolas para ministrar essas aulas. Porém há escolas que consegue fornecer essa prática em sua escola e se depara com uma grande realidade que temos hoje, um aumento de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por uma dificuldade em desenvolver a falar, o caminhar, além de ter dificuldades na interação com o outro. O aumento de crianças com o TEA se dar por conta da mudança no Manual

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), que com a nova atualização passou a ser CID-11 e DSM-5, que facilitou o diagnóstico da criança nesse quadro clínico. Segundo Junior (2022) um recente estudo publicado na JAMA Pediatrics no dia 5 de julho de 2022, realizado com 12.554 pessoas, dados de 2019 e 2020, revelou um número de prevalência de autismo nos Estados Unidos de 1 autista a cada 30 crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos. A prevalência mais atual divulgada em dezembro de 2021 pelo CDC (sigla em inglês do Centro de Controle e Prevenção de Doenças), órgão do governo dos EUA, considerada uma das mais relevantes do mundo, é de 1 em 44, com dados referentes a 2018. O próximo número oficial do CDC deve ser divulgado em 2023 (com dados relativos a 2020).

Refletindo sobre o aumento de casos de crianças diagnosticadas com TEA, e visto que professores sem uma formação continuada, denominam esses alunos como “alunos problema”, e tem dificuldades em fazer parte do processo de inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista por falta de capacitação e conhecimento sobre o transtorno. Buscou identificar na autopercepção dos professores de educação física atuante nas escolas que oferecem as aulas de natação e tem em suas turmas alunos com TEA, se sentem preparados para ministrar aulas para esses alunos, assim também, perceber as características das aulas de natação na escola para crianças autistas.

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Natação

Segundo o Dicio (Dicionário Online de Português), nadar é: “Manter-se e avançar sobre ou sob a água, seja pelos movimentos dos membros, seja com o auxílio de nadadeiras, seja pela expulsão da água, ou pelas ondulações” dessa forma caracterizando o ato de nadar qualquer forma que faça uma locomoção sobre a água.

A natação existe desde a antiguidade, usada como forma de sobrevivência, tratada como arte, por sua dificuldade de execução, por exemplo, o equilíbrio dentro da água, a respiração e coordenação motora. Entretanto, a natação foi evoluindo e passando a ser uma prática esportiva-cultural, na qual traz até os dias atuais transformações nas pessoas, como valores sociais, de saúde e de desenvolvimento motor (BORTOLUZZI, 2015).

O desenvolvimento motor segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), ocorre durante todo o processo da vida, do nascimento até a morte, pois envolve todos os aspectos do comportamento humano. Assim com o processo do desenvolvimento motor vai se criando habilidades motoras, que de acordo com os autores citados acima, é uma ação voluntária realizada pelo corpo, por uma parte ou partes como um todo. Gallahue, Ozmun e Goodway salienta ainda que:

A definição de habilidade, como usada aqui, é de uma ação aprendida, que tem um objetivo específico e, em resultado disso, é de natureza voluntária e exige a movimentação de alguma parte ou partes da anatomia humana (i.e., corpo, membros e/ou cabeça). (GALLAHUE, et al. 2013).

Filho e Manoel (2002), reforça ao dizer que o desenvolvimento motor aquático é a mudança contínua ao longo da vida, apresentam três classes de comportamento: orientação ou controle postural, locomoção e manipulação.

Para se alcançar essas classes de comportamento, é necessário ter as habilidades básicas de locomoção aquática, essas habilidades por muitas vezes transmitida de forma tecnicistas, repreende formas diversificadas de explorar o ensino do movimento da natação. Assim buscando melhorar e descobrir todos os meios possíveis do ensino, utilizasse os nados rudimentares, que trazem os conceitos de consistência e constância, de diversificação e complexidade, permitindo conhecer todos os movimentos possíveis através da locomoção aquática (FILHO; MANOEL, 2002).

Dessa forma, o processo de desenvolvimento das habilidades aquáticas vai acontecendo de maneira gradual, obtendo uma melhor compreensão do movimento, atingindo uma variabilidade do comportamento, assim ganhando uma consistência e executando uma ação motora com facilidade e de formas diferentes (FILHO; MANOEL, 2002).

Para ocorre o ensino-aprendizagem da natação, e necessário ter certas habilidades motoras, como o equilíbrio que inclui movimentos de rotação e propulsões, outra habilidade a ser desenvolvida na natação é a respiração, aplicada assim que começa o processo de aprendizagem, uma vez que não é um ambiente totalmente predominante do ser humano. Além dessas habilidades citadas, a natação exercita outras habilidades importantes, não somente na natação, mas no cotidiano de nossas vidas, como o ritmo e a coordenação motora (BORTOLUZZI, 2015).

Tomazelli e Goulart (2019), em seu estudo que buscava analisar a importância da natação no desenvolvimento motor de crianças de 03 a 05 anos a partir da aplicação da bateria de testes de Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), constataram que a natação é um meio valioso para o desenvolvimento motor, afirmam que há diferenças significativas entre as atividades realizadas em meio terrestre e em meio líquido, não deixando de lado fatores como a idade, ambientes e o estado emocional das crianças que podem interferir no desempenho motor dos indivíduos.

Dessa forma, a prática da natação para crianças auxilia para o melhor desenvolvimento motor delas, aperfeiçoando as habilidades motoras como: equilíbrio, rotações, propulsões, a respiração, ritmo e a coordenação motora, visto que essa prática tem menor número de contusões devido ao mínimo de impacto sofrido pelas articulações dentro da água (BORTOLUZZI, 2015).

O início da natação para as crianças por muitas vezes começa na escola, na qual o método de ensino utilizado era de muita técnica e bem detalhista, sendo assim o método mecanicista utilizado por professores e técnicos esportivos. Porém com a passar do tempo os professores de Educação Física e técnicos esportivos iniciaram uma interação com pedagogos e psicólogos, que começaram a fazer uma prática mais lúdica e descontraída, sendo até os dias atuais uma manifestação predominante que traz aos alunos momentos e benefícios de grande valor, tanto em questões sociais, e em questões de saúde e desenvolvimento (BORTOLUZZI, 2015).

A natação iniciada desde pequeno é de grande importância, Tomazelli e Goulart (2019) em seu estudo concluíram que a prática da natação é muito relevante para o desenvolvimento motor, físico e social das crianças, pois através da atividade aquática pode se trabalhadas habilidades motoras por meio de brincadeiras e exercícios diários. Além do mais, faz com que a criança tenha consciência corporal e podendo aperfeiçoar sua capacidade motora, afetiva e cognitiva, melhorando o sistema cardiorrespiratório e corporal, ampliando possibilidades de sociabilidade e autoconfiança.

2.2 Natação no contexto escolar

A Educação Física escolar apresenta diferentes manifestações abordando a temática da cultura

corporal, que abrange conteúdos como: jogos, esportes, danças, ginástica e lutas, todos com o intuito de desenvolver os instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura. Desse modo, a Educação Física produz múltiplas formas de conhecimentos utilizando o corpo e o movimento (PCN, 23 p. 1997).

Dessa forma, a educação física busca cada vez mais transmitir conhecimentos e habilidades relacionadas com o corpo e o movimento proporcionando qualidade de vida, assim tornou-se importante refletir sobre a inclusão das atividades aquáticas no âmbito escolar, pois ela oportuniza e contribui para o desenvolvimento integral dos alunos (PINTO, 2016).

Porém, o maior empecilho para prática desta modalidade na educação física escolar é a falta de estrutura das escolas, desse modo a natação vem sendo esquecida nas escolas por falta de piscinas e por insegurança dos professores em ministrar aulas com grande quantidade de alunos. (LIMA e SALOMÃO, 3 p. 2020).

Borsatto e Franken (2020), em seu estudo buscou descrever a metodologia de ensino da natação na educação básica e identificar o quanto os professores trabalham visando a relação com o meio aquático. Foram entrevistados 12 professores e 4 acadêmicos de educação física. No estudo foi visto que uma das maiores dificuldades da inclusão da natação nas aulas de educação física relatadas pelos professores foi a questão financeira, por não terem uma estrutura de uma piscina térmica e coberta, pois necessita por conta das mudanças climáticas, foi relatado também a qualificação do professor para uma formação continuada.

O aspecto financeiro é um dos pontos mais citados quando falamos da introdução da natação na educação física curricular. Os custos são muito altos, as instalações físicas (piscinas e vestiários) e a falta da formação dos professores nessa área é um empecilho mais agravante pois não apresenta um processo educativo, no trabalho psicomotor e no desenvolvimento geral da criança que a natação pode alcançar. Havendo essa dificuldade na realização da natação como matéria da educação física curricular, as escolas utilizam a natação como atividade extracurricular, sendo ensinada com intuito esportista (FARIAS, 1997).

No estudo de Borsatto e Franken (2020), retrata a natação como atividade extra da escola, o estudo apresenta que a natação é ministrada como extracurricular e em outros locais, sendo nove professores e acadêmicos dizendo que nas suas escolas é ministrada de forma extracurricular e sete que são ministradas em outros locais como clubes e academias. Sendo

assim, um meio de se tornar a natação uma aula prática nas escolas, tendo parcerias com clubes para que possam ser realizadas as aulas de natação escolar.

Porém, no estudo de Pinto (2016), os professores se sentiam pressionados com a responsabilidade ao tirar o aluno para realizar atividades fora da escola, além do mais é necessário a autorização dos pais, da escola e da Coordenadoria Regional de Educação (CRE), para ter consentimento das atividades que serão realizadas.

Ao realizar atividades aquáticas fora da escola é recomendado que seja ministrada pelo professor que acompanha a turma durante o ano letivo, pois é o docente que é o verdadeiro conhecedor do processo de formação de seus alunos, e também quem elabora as tarefas que complementam o processo educativo do estudante. Quando esse ensino passa a ser por um processo externo da escola, um “treinador”, na maioria das ocasiões está orientado a promover o ensino dos quatro estilos de natação, levando a crer que a natação é exclusivamente o esporte da natação (MARÍN, 2004).

Quando falamos do ensino da natação logo nos remetemos a ideia de uma aula monótona, com o intuito de desenvolver a melhor técnica, falta neste contexto o enfoque para componentes educativos da aprendizagem na natação, apenas é reconhecido o ensino dos quatro estilos de nados, através de um ensino totalmente tecnicista. Ainda é notável a predominância nas escolas, clubes e academias apenas o ensino da técnica, sendo ministrada de forma fragmentada, tendo uma sequência pedagógica progressiva de dificuldades.

A natação não tem apenas o intuito de ensinar apenas os quatro estilos de nados, mesmo sendo muito utilizado nas aulas de natação em clubes e escolas, mas temos outros pontos a ser citados que são de extrema importância, como: promoção do esporte, prevenção de afogamentos e promoção à saúde. Na pesquisa de Borsatto e Franken (2020), com 16 professores, 8 professores afirmaram que o objetivo da natação é o ensino dos estilos convencionais (crawl, costas, peito e borboleta), 4 consideraram a promoção do esporte como objetivo e 4 responderam que o objetivo da natação deve ser a prevenção de afogamentos e a promoção da saúde.

A natação no ambiente escolar não deve ser aprender a pensar em aptidão física dos alunos, deve haver uma exploração além disso, de uma formação com à compreensão de um saber

pedagógico, que contribua com o desenvolvimento dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais (LIMA, SALOMÃO. 2020).

O curriculum atribui diversas funções à área de educação física, funções essas que fazem ser capaz de atingir a formação integral do aluno. (MARÍN, 2004). Em seu estudo o autor Marín (2004) elencou alguns dessas funções:

- **F. Conhecimento:** o movimento como instrumento cognitivo fundamental da pessoa, tanto para conhecer-se a si mesma como para explorar e estruturar seu meio imediato. Por meio da organização de suas percepções senso motrices (situação espacial, própria e dos outros: colegas e/ou adversários, materiais, etc.) o aluno tem consciência de seu corpo e do mundo que lhe rodeia.

- **F. Comunicativa e de relação,** enquanto o aluno utiliza seu corpo e seu movimento corporal para relacionar-se com outras pessoas.

- **F. Compensação,** quanto que o movimento compensa as restrições do meio e o sedentarismo habitual da sociedade atual.

No estudo de Lima e Salomão (2020), foi constatado que a natação é mais que alcançar um repertório motor, abrange também os fatores afetivos sociais e cognitivos, permitindo aos educandos controlar seus movimentos e fazer suas próprias escolhas, além de expressar os seus sentimentos.

A natação dentro da escola não deve ter um olhar voltado para a esportividade, mas que seja vista com um olhar mais pedagógico, com o intuito de apresentar aos alunos conhecimento relacionados às naturezas conceituais atitudinais da modalidade (BRANDALISE, 2017).

Segundo o Coletivo de Autores (61 p. 1992), recomenda que o professor não inicie o ensino de modalidades esportivas a partir do gesto técnico, e sim utilizar de abordagens diferenciadas, que dê significado aos fundamentos dos jogos e modalidades esportivas.

De acordo com Pereira et al. (2018), o lúdico nos remete para jogos e divertimento, onde proporciona prazer a quem está realizando a atividade. Segundo os autores citados acima, o lúdico é uma excelente forma de trazer a adaptação ao meio líquido, pois por meio da

brincadeira a criança vai cedendo e interagindo e participando da aula. A atividade lúdica traz o momento de afetividade onde as crianças demonstram seus sentimentos. Porém é importante que o professor não perca o foco da atividade de natação, e sua aula se torne apenas um momento de lazer.

A adaptação ao meio líquido implica em vários fatores, a entrada na escola de natação é um momento de separação do vínculo com pai, se tornando um momento afetivo para a criança, dessa forma é necessária uma abordagem mais lúdica para a integração a um novo grupo. (FARIAS, 1997).

O ensino da natação quando está centrada apenas no produto, no qual está apenas o desenvolvimento das habilidades aquáticas sem levar em conta os seus interesses, sua faixa etária e suas possibilidades físicas, o ensino da natação se torna um processo monótono, sem significado para o aluno e repetitivo, no qual gerar desinteressante na aprendizagem da natação (FERNANDES, LOBO DA COSTA, 2006).

A natação vivenciada de forma lúdica proporciona a criança a descobrir suas capacidades e superar desafios, além de uma maior socialização, mais de aprender a respeitar os colegas e cooperar nas atividades, ampliando seu desenvolvimento motor (Pereira et al., 2018)

O ensino da natação através da ludicidade é de fato um aprendizado mais agradável ao aluno e professor. Borsatto e Franken (2020) em seu estudo mostraram como o lúdico é visto por professores e acadêmicos da educação física no ensino da natação. Na entrevista todos os entrevistados (n = 16) consideraram importante o lúdico durante as aulas de natação.

O estudo feito por Pereira et al(2018), constatou que o ensino da natação por meio do lúdico permite que a criança tenha maior segurança ao se deslocar na água, propicia maior interação entre professor e aluno e desenvolve na criança uma consciência de hora de brincar e hora de fazer atividade. Desse modo, podemos constatar que a natação no contexto escolar é viável e sendo ministrada de forma teórica ou prática, mas que seja de forma lúdica e prazerosa aos estudantes.

2.3 Transtorno do Espectro Autista

O Autismo vem sendo reconhecido cada vez mais, apresentando até filmes de sucesso que

relata a vida de uma pessoa com autismo, porém as características do autismo são bastante diversificadas e por muitas vezes essas pessoas têm aparência física normal. Dessa forma o número de diagnósticos sobre o autismo vem aumentando, e cada vez mais precoce o diagnóstico é dado para as crianças com o transtorno do espectro autista, assim o autismo passou a ser um fenômeno mais comum do que antes. (MELLO, 2007)

De acordo com a AMA (Associação de Amigos do Autista) (2017), o diagnóstico do autismo é essencialmente clínico, feito por meio de observação direta do comportamento e entrevista com os pais ou cuidadores. O diagnóstico pode ser feito por volta dos 18 meses, pois as características do autismo estão presentes desde os 3 anos de idade, uma das características mais comuns relatadas pelos pais é o atraso na linguagem que não se desenvolve.

Dois meios de diagnósticos utilizados internacionalmente são o Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que contém algumas escalas padronizadas para o diagnóstico e rastreio de autismo, porém seu uso é restrito apenas para profissionais treinados e capacitados. (AMA, 2017).

Atualmente os diagnósticos atualizados do CID e DSM, é o CID-11 no qual foi publicado em 2018, e entrou em vigor em 2022. E o DSM-5, que rompe com o modelo multiaxial, sendo o autismo passando a ser considerado um transtorno do neurodesenvolvimento denominado de transtorno do espectro autista. O DSM-5 e o CID-11 compreendem o autismo dentro de um único espectro ou categoria variando em níveis de gravidade, se baseando na funcionalidade ou em níveis de deficiência intelectual (DSM-5) e linguagem funcional (CID-11). (FERNANDES et, 2020).

Segundo o portal Linhas de Cuidado do Ministério da saúde (2021), o transtorno do espectro autista (TEA) “é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.” Sendo assim, o autismo se caracteriza por uma dificuldade em se relacionar com outras pessoas, levando a um atraso no desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo.

O TEA se apresenta de diferentes formas, em algumas pessoas, nesse quadro, apresenta grandes dificuldades em estabelecer contato e de se relacionar com outras pessoas, já em outros casos não apresenta tanta resistência em se relacionar com o outro (LORENZO et al. 2020).

O DSM-5 (2014) apresenta uma tabela na qual estão os níveis de gravidade do autismo, está classificado em Nível 1- “Exigindo apoio”, onde evidencia a dificuldade para iniciar interações sociais e dificuldade em trocar de atividade. Nível 2- “Exigindo apoio substancial”, no qual apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal e presença de comportamentos repetitivos aparecem com frequência a ponto de serem óbvios para um observador casual. Nível 3- “Exigindo apoio muito substancial”, onde apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento e uma grande limitação em dar início a interações sociais, apresenta também uma extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos repetitivos que interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas.

Na escola se encontra o atendimento educacional especializado, que tem a função de realizar atividades que complemente o trabalho desenvolvido dentro de sala de aula, com o intuito de desenvolver a autonomia e independência do aluno dentro e fora da escola (MEC/SEESP, 2007).

Ademais, se apresenta o acompanhante especializado, no qual é um profissional de educação especial exclusivo para lidar com crianças especiais, inseridos no contexto escolar da educação regular, havendo a possibilidade de executar a função de tutor, mediador ou professor auxiliar, dependendo da necessidade da criança. Porém, pode ser encontrado em escolas privadas e até da rede pública o que são denominados de Atendente Terapêuticos (A.T), que se apresentam com a mesma função de acompanhar alunos com transtorno do espectro autista, entretanto, o AT é um aplicador do método ABA, que é uma técnica terapêutica com o intuito de melhorar as habilidades fundamentais nas crianças, incluindo a área de comportamental. O AT, deve ser um profissional da área da saúde especializado em Análise do Comportamento (ABA), fazendo parte de uma equipe multidisciplinar para acompanhar seu tratamento médico/terapêutico (HAKIM, 2022).

Hakim (2022) apresentar a diferença entre o acompanhante especializado e o atendente terapêutico:

“O Acompanhante Especializado é um profissional com conhecimento de Educação Especial próprio para lidar com crianças que apresentem necessidades educacionais especiais que estejam matriculadas no sistema regular de ensino e o Atendente Terapêutico (A.T e Aplicador ABA um profissional da área de saúde, especializado em Análise do Comportamento (ABA), integrante da Equipe Multidisciplinar que acompanha a criança em seu tratamento médico/terapêutico e com experiência no atendimento de crianças autistas, não possuindo vínculo algum com o colégio, sobretudo, de caráter empregatício ou curricular.”

O autismo por ser tão diversificado a sua inclusão nas escolas em classes regulares é um processo lento que exige um trabalho em equipe. A criança com autismo leva um tempo para começar a fazer a imitação, aspecto importante para a inclusão, pois para realizar a imitação o autista precisa desenvolver a consciência dela mesma e isso ocorre quando ela percebe relações de causa e efeito com o ambiente. Dessa forma, é importante ter um atendimento educacional especializado antes da inclusão em uma escola regular, na qual vai ajudar a criança a desenvolver a sua consciência e prepará-la para a inclusão na classe com outras crianças.

2.4 Inclusão no ambiente escolar

Para uma inserção de uma criança com o transtorno do espectro autista é necessária uma adaptação no ambiente escolar, e uma preparação para os profissionais que lidarão com a criança direta e indiretamente. Pois a escola é um ambiente totalmente de socialização, e para muitos a primeira relação social com um novo grupo de pessoas sem ser os familiares. (LORENZO et al. 2020). A inclusão de crianças com TEA nas escolas é defendida por lei, assim como está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (2020) Lei nº. 9394/1996, capítulo V - Educação Especial:

“Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

I – Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para

a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – Educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.” (Senado Federal, Lei nº 9.394/1996).

Desse modo, as escolas devem se preparar para receber os alunos autistas e se adaptar para a chegada deles. Assim reforça a ideia de que a escola que deve se preparar para a chegada das crianças, e não o estudante se adaptar ao ambiente da escola (LORENZO et al. 2020).

Visto que, em cada instituição de ensino haja um acompanhante especializado, que seja um profissional de educação especial destinado a lidar com crianças com deficiência inseridos no contexto escolar da educação regular, no qual apoiará o aluno nas atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais (HAKIM, 2022).

O processo de inclusão e adaptação da criança leva um certo tempo, sendo assim a escola deve fornecer um ambiente escolar mais acessível para a chegada desses alunos, como a estrutura física da escola e a formação e percepção dos educadores, além de adaptações no currículo. Essa inclusão é apenas uma pequena parcela diante de todo o processo (SERRA, 2004).

Serra (2004), acompanhou a inclusão de uma criança autista no ensino fundamental na educação regular, no estudo cita algumas reformulações no sistema educacional necessárias para a inclusão desses estudantes:

“adaptações curriculares, metodológicas e dos recursos tecnológicos, a racionalização da terminalidade do ensino para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do Ensino Fundamental, em virtude das necessidades especiais, a especialização dos professores e a preparação para o trabalho, visando à efetivação da cidadania do portador de necessidades especiais.”

Sendo assim, uma escola que não se adapta para inserção dos alunos com necessidades especiais no ensino regular está de certo modo excluindo a criança do convívio social com outras pessoas. Com isso a importância de enfatizar a preparação dos professores nessa inclusão.

Lorenzo et al, (2020) concluíram em seu estudo que a formação continuada dos professores é de suma importância, pois a realidade atual e de grande parte dos profissionais não têm conhecimento sobre o transtorno do espectro autista e assim não tem um direcionamento para suprir as necessidades específicas dos alunos.

Barbosa, et (2013), apresentam que a graduação sozinha não é capaz de capacitar o professor tendo que haver uma busca por uma formação que supra essa falta de preparo para crianças com TEA. Dessa forma os professores não se sentem preparados para lidar com as necessidades individuais que a criança com autismo apresenta, dessa forma os professores evidenciam a presença de um professor voltado apenas para educação do mesmo. Nesse processo de inclusão a presença de um apoio especializado é fundamental para que a criança se adapte e que o professor realize seu processo de ensino-aprendizagem com maior qualidade possível (SERRA, 2004).

Santos e Brognoli (2020) enfatizam a importância de ter um Atendimento Educacional Especial (AEE) para crianças com TEA. O estudo debateu a importância do AEE para os alunos com TEA no processo de inclusão, assim certificou-se a necessidade de o professor reconhecer as dificuldades individuais de cada indivíduo, buscando desenvolver suas competências, através de novas práticas pedagógicas.

É importante ressaltar que para ter novas práticas pedagógicas, e uma boa adaptação do autista, o professor tem que estar bem capacitado para esse desafio é necessário ter uma formação continuada para que o trabalho bem feito se sobressaia. Sobre os desafios da formação dos professores Barbosa et, (2013) afirma:

“Um aspecto que interfere diretamente na prática docente, é a formação do professor, a graduação sozinha não é capaz de capacitar o professor para compreender e aprender a lidar com as diferenças e desafios presente na educação inclusiva.”

Reafirmando, Schmidt (2016) em seu estudo no qual foi investigado em uma pesquisa secundário analisou 38 professores descritos em seis pesquisas publicadas entre 2013 e 2015, sobre a inclusão escolar e autismo na percepção docente e das práticas pedagógicas, os resultados sugeriram que os docentes apresentam pouco conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista, assim o estudo reforça a formação continuada dos professores para a melhor atuação dos docentes na inclusão dos alunos com TEA.

Desse modo a importância de ter um AEE para ajudar o professor do ensino regular e fundamental, assim a Lei de Berenice Piana, Lei nº 12764/2012 assegura o atendimento multiprofissional, que inclui uma equipe totalmente preparada e ao incentivo à formação e capacitação, assim como está no art. 2º parágrafo VII: “o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;”

Sendo assim, o apoio aos professores do ensino regular através do atendimento educacional especializado, faz com que a adaptação e inclusão do aluno com TEA nas escolas seja de grande importância, além de adaptações na escola, em sua estrutura e de currículo, para que haja um desenvolvimento adequado do ensino aprendizagem.

2.5 Inclusão do TEA nas aulas de educação física

O capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) assegura o atendimento à criança especial podendo assim ingressar em escolas de ensino regular (BRASIL: 1996). Portanto, sua inclusão abrange as matérias que são abordadas no ensino regular como a educação física. A introdução da educação física para o desenvolvimento das habilidades sociais e melhoria da qualidade de vida, sendo essencial para as crianças com TEA. Assim, possibilita ao professor conhecer os alunos individualmente, as suas habilidades motoras, interesses e capacidades comunicativas (TOMÉ, 2007).

A educação física abrange três domínios: o cognitivo, motor e afetivo. A sua prática não deve estar pensando somente no movimento técnico, mas buscar transmitir a aprendizagem afetiva no auxílio para o avanço motor e qualidade de vida (TOMÉ, 2007). Dessa forma, Tomé ressalta a importância do professor de Educação Física no momento em que se tem alunos autistas na turma, pois o professor está inserido na jornada de aprendizagem e socialização do aluno, assim o professor não pode priorizar apenas o aprimoramento físico, mas ser um guia para as descobertas das interações sociais, comunicação e comportamental.

Entretanto, no estudo de Vito e Santos (2020), mostrou-se déficits motores em crianças autistas que agravam o desenvolvimento de habilidades sociais e o desenvolvimento da linguagem, assim ressaltando a importância de considerar os déficits motores como um guia para nortear o tratamento. O estudo mostra que a literatura reforça a imputabilidade de

distúrbios motores ainda serem poucos claros para atribuir sintomas motores precoces a crianças com TEA.

Ribeiro et. al., (2021) em seu estudo no qual seu objetivo é “avaliar o conhecimento sobre comportamento motor e atitudes de professores de Educação Física escolar face à inclusão de alunos com TEA” através de um questionário específico, apresentou-se em relação ao comportamento motor, 78,3% dos professores entrevistados indicaram déficits motores em seus alunos com TEA. Quando perguntados sobre as características marcantes do TEA, 26,1% dos professores responderam que são os déficits motores e cognitivos.

Teixeira et al., em seu estudo concluiu-se que crianças autistas têm idade motora inferior à idade cronológica. As áreas que apresentaram padrões motores inferiores de desenvolvimento foram: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal e lateralidade.

Nesse processo de desenvolvimento do aluno nas aulas de educação física, temos que salientar a sua inclusão nas aulas. A inclusão dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física necessita de uma atenção especial de comprometimento e persistência do professor, o ambiente escolar e as aulas de Educação Física ajudam muito no processo de desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo dessas crianças (FERREIRA, 2017).

As aulas de educação física têm a possibilidade de ultrapassar o benefício físico e comportar outros aspectos do desenvolvimento, como no convívio social e comportamental, auxiliando na melhoria do estado emocional, ocasionando em uma diminuição das estereotipias, melhorando a atenção e concentração, fazendo com que a agressividade diminua e por consequência melhore seu sono e apetite. (TOMÉ, 2007)

BEZERRA (2013), concluiu que o professor é de fundamental importância para o processo educacional na vida de uma criança autista, pois necessita de uma atenção maior e utilizando de métodos e estratégias apropriadas para o desenvolvimento do aluno com espectro pode melhorar capacidades físicas e cognitivas que vão auxiliá-lo no processo de sua autonomia.

O professor deve pensar em estratégias que consigam abordar todos os seus alunos, e pensando em alunos com TEA, é preciso elaborar um tipo de atividade recreativa supervisionada, visto que autistas demonstram movimentos estereotipados repetidas vezes,

dessa forma, desenvolver atividades que abordem o conjunto motor através do lúdico, com regras fáceis de entender e com grande quantidade de material pode auxiliar no seu desenvolvimento. Dessa forma o objetivo da Educação Física adaptada é incluir os alunos com TEA, tanto nas aulas teóricas como nas aulas práticas (FERREIRA, 2017).

Atualmente os objetivos traçados para educação física e a educação especial neste século XXI se encontram de acordo com um modelo de ensino inclusivo de educação. Não é mais pensando em educação especial sem o apoio e participação da educação física. (BEZERRA, 2013)

Os professores de educação física devem adaptar suas aulas por meios que possam proporcionar a interação dos alunos de forma espontânea, a fim de que os alunos com TEA não se tornem diferentes ao ponto de se auto excluírem. Assim o professor deve ter o mínimo de conhecimento sobre o TEA para que possa proporcionar ao seu aluno autista o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo através das aulas de Educação Física (FERREIRA, 2017).

É papel do professor de Educação Física conhecer as especificidades de seu aluno com o transtorno do Espectro Autista, primordialmente sobre seu comportamento motor, tendo em vista que a disciplina tem como principal objetivo a intervenção pelo movimento (RIBEIRO et al., 2021). Dessa forma, a formação dos professores para receber alunos com TEA é muito importante, o estudo de Ribeiro et al, observou:

“a necessidade de avanços quanto aos conteúdos desenvolvidos na formação inicial dos professores de Educação Física, além da necessidade de formação continuada com o propósito de adequação às novas realidades educacionais e especificidade das populações atípicas”.

2.6 Benefícios da natação para crianças com TEA

A natação nós possibilitamos grandes benefícios físico, psicológicos e sociais nas crianças que a praticam, benefícios esses que estimulam toda musculatura do corpo sem causar grande impacto correndo o risco de lesões, além de aumentar a autoestima e diminuir o estresse, e auxiliar na melhora dos relacionamentos interpessoais (DIAS, 2021). A natação trabalha habilidades motoras que proporciona às pessoas o deslocamento de forma autônoma e segura no meio líquido, dessa forma para crianças proporcionar experiências motoras diversas fazem

com que criem vivências de socialização (OLIVEIRA et al, 2021).

A prática da natação é uma das modalidades esportivas que melhor desenvolve as habilidades motoras como: equilíbrio, rotações, propulsões, a respiração, ritmo, e a coordenação motora, conseqüentemente a natação é uma das melhores atividades para o trabalho o desenvolvimento de habilidades motoras em crianças em processo de aprendizagem (BORTOLUZZI, 2015). Assim a prática da natação é bastante recomendada, principalmente na faixa etária de três anos, na qual geralmente podem ser diagnosticados alguns transtornos comportamentais, sociais e cognitivos (OLIVEIRA et al, 2021). Dentre estes distúrbios, temos o TEA, que segundo OLIVEIRA et al, 2021:

“As crianças com TEA apresentam dificuldades em entender as regras básicas de convívio social, a comunicação não verbal, a intenção do outro e o que os outros esperam que ele/ela faça. Com essas dificuldades funcionais, o impacto na eficiência da comunicação é muito grande, fazendo com que o desenvolvimento do cérebro mantenha-se cada vez mais lento para exercer as funções necessárias para a interação social. Por isso, o autismo passou a ser definido como um transtorno de neurodesenvolvimento que afeta a socialização, comunicação e aprendizado.”

Dessa forma, o diagnóstico precoce é importante, para que se inicie as intervenções e assim amenizar os comprometimentos do TEA. As Intervenções devem ser planejadas levando em consideração as preferências individuais, o desempenho, a tolerância e a resistência do aluno (DIAS, 2021).

Desse modo, estudos apontam que crianças com autismo apresentam dificuldades na sua capacidade física, e de consciência corporal, como apresentado a todas as adversidades do autismo, a criança necessita de uma aprendizagem global, que trabalhe o corpo todo cognitivo, afetivo e motor (OLIVEIRA et al, 2021).

Teixeira et al (2019), em seu estudo concluiu que crianças com TEA apresentaram uma idade motora geral inferior à idade cronológica, causando atraso nas áreas de motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corpo, organização espacial e temporal e lateralidade apresentando um padrão motor inferior ao desenvolvimento.

Sendo assim, Santos e Vito (2020) concluíram que:

“As pesquisas recentes sobre habilidades motoras e desenvolvimento motor em crianças com TEA destacam que há um desenvolvimento anormal por parte dessas crianças, porém, ainda não se pode considerar estas características como preditoras do TEA e, conseqüentemente, sua gravidade. Analisado o prognóstico no contexto mais

amplo, os déficits motores funcionam como um fator agravante e nesse sentido, é de fundamental importância considerar os déficits motores e suas divergências com o intuito de realizar uma intervenção precoce e também dar um direcionamento específico para o tratamento. A dificuldade no desenvolvimento da linguagem e no desenvolvimento de habilidades sociais foram alguns fatores encontrados que se agravam em função dos déficits motores.”

Uma das modalidades esportivas que consegue encarregar-se de todos os aspectos do corpo, é a natação, é a mais procurada pelos pais com crianças autistas. tendo a possibilidade de desenvolver o: equilíbrio, rotações, propulsões, a respiração, ritmo, e a coordenação motora, além do social e cognitivo das crianças, podendo assim avançar melhor na sua percepção de corporal (OLIVEIRA et al, 2021).

Noviscki (2017) afirmar que:

“A água é o meio facilitador, que provoca desafios e leva a criança a movimentos mais livres e independentes. Ações lúdicas estimulam a criança e ampliam as interações sociais, contribuindo para a organização sócio afetiva e psicomotora da criança, em especial da criança com TEA.”

A exploração do corpo no espaço aquático possibilita construir a consciência de si mesma no seu processo de evolução, aspecto muito importante principalmente para as crianças com TEA (CHICON et al. 2013). Ao pensar no ensino da natação logo nos remetemos a uma metodologia “pedagogia tradicional/ tecnicista” que tem como objetivo principal o processo de ensino baseado nos gestos técnicos (CHICON et al. 2013). Para os autores, o “Brincar” é uma possibilidade pedagógica, intencionando para crianças autistas é importante a busca por estratégias pedagógicas que possam facilitar e proporcionar o avanço dos alunos.

Dias (2021), entende-se que a ludicidade como um elemento facilitador na aprendizagem da criança, pois através da atividade lúdica a criança internaliza o que lhe é transmitido. O ensino através da ludicidade é proposto atividades dinâmicas que preconiza uma prática mais prazerosa, melhorando a interação com as outras crianças e com o grupo em que vive. As atividades lúdicas trabalhadas com crianças com TEA, estimular a organização e sequenciamento do ato motor, trazendo ao aluno uma percepção melhor do seu próprio corpo para realizar atividades diárias, sociais, escolares e lúdicas (OLIVEIRA et al, 2021)

Essa metodologia através dos jogos e brincadeira, promove aos alunos um ensino-aprendizagem mais motivador, pois consegue instigar e fazer com que os alunos tenham curiosidade na construção do conhecimento. Sendo assim, a apresentação desta metodologia deve se basear na utilização do treinamento visual, que estimule o repertório

comunicativo e aumente a atenção e motivação nas aulas para assim diminuir comportamentos destrutivos (NASCIMENTO; BORGES. 2021). Consequentemente, em seus estudos, Nascimento e Borges (2021), constataram a importância do uso do lúdico para estimular o desenvolvimento de crianças com TEA, pois dessa forma, os alunos têm uma aprendizagem permeada pela diversão e o uso pedagógico de brincadeiras e jogos diversos. Sendo assim, o lúdico desenvolve múltiplas qualidades, podendo avançar em habilidades e funções como aspectos cognitivo, social, emocional e também e motriz.

Já Oliveira et al., (2021), salienta que a natação pode ter benefícios importantes no âmbito motor, como o aumento dos estímulos perceptivos motores, construção de sistemas e propostas de aprendizagem, o conhecimento e domínio progressivo do corpo, construção da imagem corporal e percepção. Dessa forma, o autor afirma a contribuição da natação no desenvolvimento global da criança com TEA, desenvolvendo o auxílio da coordenação motora, trazendo melhora na interação social.

Bortoluzzi (2015) encaminha uma proposta da inserção da natação em todas as escolas, pois poderia servir como base aliada ao desenvolvimento das diversas habilidades, como: equilíbrio, rotação, propulsão, respiração, coordenação motora e ritmo, essas habilidades não são apenas para o ambiente escolar, mas para sua vida cotidiana, que promove a saúde dos seus praticantes.

Noviski (2017) constatou que a natação estimulou a evolução de crianças com TEA em questões de enfrentamento de novos desafios, e buscou socializar com os demais amigos de forma natural, assim fazendo a criança mais motivada nas aulas de Educação Física, facilitando seu processo de ensino-aprendizagem.

Para que ocorra os resultados positivos nas aulas de natação na escola, Nascimento e Borges (2021) afirmam:

“[...] para atingir esse resultado positivo é essencial que o professor faça intervenções pertinentes que permitam ao aluno com TEA participar realmente e interagir com os colegas e com o ambiente. Se for necessário seria interessante buscar auxílio e apoio de um facilitador, um professor auxiliar que acompanhe esse aluno. Por isso, é fundamental que o professor regular estabeleça contato e diálogo constante com o auxiliar, procurando intervir e direcionar o processo de aprendizagem.”

Dessa forma, os jogos e brincadeiras desenvolvidos pelos professores nas aulas de natação,

devem ser inseridos de modo processual, em especial com crianças com TEA, é necessário o acompanhamento de um auxiliar para estar como o aluno individualmente. O professor deve prolongar-se a uma rotina lúdica, na qual os alunos se sentem mais seguros (NASCIMENTO; BORGES. 2021).

É importante que nas aulas de Educação Física o professor esteja atento para cada expressão corporal dos alunos para que possa através desses gestos identificar dificuldades e assim está presente para ajudar o aluno com TEA a superá-lo e assim realizar a atividade mais motivado (CHICON et al. 2013). Assim, os autores supracitados constataam a importância do professor de Educação física como mediador do processo de ensino-aprendizagem:

“Na intervenção em turmas inclusivas, percebemos que o papel mediador do professor de Educação Física é decisivo no processo, isto é, o professor deve atuar com uma preocupação em atender às diferenças e, para cumprir esse papel, precisa agir como mediador nas relações dos alunos consigo mesmo, com os colegas e com os objetos, ajudando-os a superar as dificuldades que emergem do processo ensino-aprendizagem e orientando-os para que atinjam níveis de independência e autonomia.”

Sendo assim, Chicon et al (2013), concluíram que as atividades lúdicas no ambiente aquático, junto as intervenções dos professores de Educação Física, foram benéficas para as crianças com TEA, pois propuseram uma maior ampliação nos movimentos e vivências de brincar, como também em suas relações com professores e as crianças, favorecendo a prática inclusiva.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa observacional, de corte transversal e abordagem qualitativa. Na qual utilizou-se para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada com três professores da rede privada de ensino, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino, que trabalham em escolas do Distrito Federal, as quais fornecem a prática de natação aos discentes e em suas turmas tenham alunos com transtorno do espectro autista. Todas as entrevistas foram realizadas de forma online pelo *Google Meet* e gravadas pelo aplicativo “Ocam” que fez a gravação somente do áudio da entrevista.

Para se alcançar escolas com alunas de natação no Distrito Federal, foi realizado uma busca na internet sobre escolas que fornecessem a prática e foi entrado em contato com a escola para verificar se nessas práticas haviam alunos com o Transtorno do Espectro Autista. Após a confirmação da escola e a confirmação do professor, os docentes foram contatados para

marcação da entrevista pelo *Google Meet*.

As perguntas realizadas estão em anexo neste trabalho, contendo 12 questões que tem como objetivo conhecer o professor, saber da sua capacitação voltada para aulas de natação para crianças autistas e questões sobre as características das suas aulas de natação com esse grupo de crianças. Os professores tiveram total liberdade para responder às questões propostas sem qualquer direcionamento do entrevistador.

A transcrição da entrevista foi feita através da escuta e escrita simultânea das perguntas e respostas dos entrevistados. Os participantes tiveram sua identidade preservada no questionário, na discussão e resultados, foram citados de forma alfanumérica, na qual P significa professor seguido de um número de 1 a 3.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autopercepção dos professores diante da sua capacitação para ministrar as aulas com crianças com TEA

Ao buscarmos conhecer sobre quais conhecimentos que os professores tinham sobre o Transtorno do Espectro Autista e suas capacitações específicas sobre o TEA, um professor relatou não ter nenhuma capacitação específica referente a cursos, tendo adquirido conhecimentos somente pela internet e outros dois professores têm capacitações específicas sobre o transtorno.

“P1- Não, eu não tive nenhuma capacitação não. Não procurei ainda, mas assim é, capacitação no sentido de curso, essas coisas eu não fiz, mas eu já pesquisei”.

“P2 - Voltando às aulas presenciais de natação eu já fiz um curso ano passado, um só sobre espectro autista e esse ano fui ao Congresso de natação infantil em São Paulo, que teve duas palestras com profissionais incríveis, e de São Paulo, que trabalha em uma academia só para autistas”.

Quando um professor não tem o conhecimento do Transtorno do Espectro Autista, ou esse conhecimento é superficial sobre as características do transtorno, causa dificuldade no direcionamento de ensino e aprendizagem do aluno no ambiente escolar (LORENZO et al., 2020).

Porém ao se preparar, o professor consegue ampliar seus domínios nas aulas, tendo condições de realizar uma inclusão de forma bem-sucedida, através da criatividade do professor e correspondendo às diferentes necessidades e diversidades das crianças (FERREIRA, 2017).

Lorenzo et al(2020), ressalta em seu estudo a importância da capacitação e da formação continuada dos docentes, pois considera que na atual realidade, muitos professores não têm conhecimento sobre as particularidades do transtorno, ocasionando uma falta de estratégia para ter um desenvolvimento com o aluno e não atendendo suas necessidades específicas.

Quando questionados sobre acreditarem se sua capacitação é o suficiente para auxiliarem em suas aulas com crianças com TEA, os 3 professores entrevistados disseram que não se sentem totalmente capacitados, tentam obter ainda mais conhecimentos sobre metodologias de ensino para as aulas com crianças com o transtorno.

“P2 - Então assim, se eu disser para você, que eu não vou buscar mais que para mim, eu já sei, não. Eu estou sempre buscando mais conhecimentos, saber mais de metodologia de ensino, de possibilidades do que a gente pode estar fazendo aula de natação para os autistas, né.”

Ademais, o P3 salienta que o TEA, em sua maioria das vezes, vem acompanhado de outro transtorno que faz com que o ensino aprendizado seja cada vez mais particular para cada criança.

“P3 - Cara, de jeito nenhum, nunca a gente vai estar pronto, né? O transtorno, ele é imprevisível, pelo que a gente conhece, pelo que a gente estuda o espectro do autismo ele é muito relacionado à socialização, né? Só que ele nunca vem acompanhado, só disso, o espectro autismo ele vem acompanhado de vários outros fatores, de vários outros transtornos né? Por exemplo, pode ganhar acompanhado do TOD do TDAH, que pode ser associada a vários gatilhos.”

Noviscki (2017), aponta a importância do professor estar sempre buscando novos conhecimentos, pois com a expansão da educação inclusiva e a demanda aumentada de seus alunos é preciso ter profissionais capacitados para suprir a carência de professores. A educação física precisa de docentes preparados para os desafios que vão encarar no ensino, e junto com a comunidade escolar, buscar soluções para que ocorram mudanças positivas.

Adaptações das aulas para crianças com TEA

Ao serem questionados sobre quais mudanças e educativos os professores fazem para contemplar a criança com TEA, os professores ressaltaram o respeito ao tempo da criança.

Porém dois professores relataram não alterar a estrutura das suas aulas por conta do autismo de seu aluno, fazem adaptações para buscar fazer a ambientação ao meio líquido.

“P1 – Eu dou a mesma aula para todas as crianças, o que eu mudo é a questão, um exemplo, questão da imersão na água a criança mergulhar e fazer bolha. Um exemplo é o aluno X, ele não gosta de jeito nenhum de mergulhar de fazer bolha ele não gosta. Eu pego um canudinho ou um regador vou molhando ele começa pelo ombrinho sempre conversando.”

“P2 – em relação à minha vivência e pelos meus conhecimentos que adquiri também, é cada criança é uma criança, então, com o espectro autista, ela é uma criança, não deixa de ser criança, né ela só tem uma forma de pensar diferente, atitudes diferentes por conta daquela situação dela, né?”

“P2 - se eu falar para você: a imersão é importante na natação para o autista, não é, a perna importante para autista também não é. Não é só isso, então o geral da natação tudo o que é trabalhado em adaptação no meio líquido para infantil, crianças sem espectro autista, é importante para criança com autismo”

As aulas para crianças com necessidades especiais devem ocorrer por meio de atividades adaptadas, visando o seu desenvolvimento de habilidades. Essas mudanças devem ser propostas pelo docente com o compromisso de manter o aluno incluído na turma, sem usar o fator de ele ser especial para excluí-lo de qualquer atividade (FERREIRA, 2017).

Porém, um professor apresentou estratégias diferentes em sua aula por ter uma criança com TEA:

“P3 - uma criança com transtorno do espectro a gente observa, primeira coisa, o que é atrativo para ela? Objetos, objetos que vão chamar atenção, então a primeira coisa, se é a primeira aula dela, organizar o espaço, criança que tem um espectro do autismo ela gosta de coisas organizadas, coisas simétricas, né? Então o quanto mais confortável a gente consegue deixar aquele espaço para incluir ela dentro da piscina melhor. Então, se a gente sentir que ela está e tem algum desconforto com alguma coisa na piscina, a gente vai tirar, a aula tem que ser especializada para ele, que nem eu falei na fala anterior agregando os objetivos para os outros alunos também.”

Em outro relato do P3 ele fala sobre ter uma aluna com hiper audição, e relata como ela se sente quando coloca musica na beira da piscina:

“P3 - quando vem um som, quando a gente quer botar aquela musiquinha na piscina para alegrar aí ela é aquela aluna que se transforma e vira mais severo possível”.

Nessa situação o professor pede para tirar o som e tenta o máximo buscar novas estratégias para chamar atenção dos alunos, sendo que gritar não é uma solução viável:

“P3 - então às vezes eu começo a fazer palhaçada na frente dos alunos, quando eu estou em pé, fora da piscina, quando eu estou dentro, eu joga a água para cima, então quanto mais movimento, mais atrativo eu torno ali a minha área que é o meu entorno ali, para eles prestarem atenção, é uma das formas de trazer ela para mim, não só ela,

mas os outros alunos também e é isso que de grosso, essa parte mesmo, dessas estratégias que eu faço”.

Sabemos o quanto a audição é importante para o desenvolvimento das crianças no requisito do desenvolvimento da linguagem, porém não há um consenso se a hipersensibilidade auditiva presente nas crianças com TEA têm influência no atraso de linguagem desse grupo (GOMES et al., 2008).

Para identificar o tipo de hipersensibilidade auditiva em crianças com TEA, Costa et al., (2022) realizou um questionário, no qual entrevistou 11 pais de crianças autistas de ambos sexos com idade média de 44,8 meses de idade. Nesse estudo obtiveram 54,5% em questões de irritabilidade a sons específicos, entre eles: palmas, canto e gritos. Sons esses comuns à beira de piscina em uma aula de natação.

Dessa forma, para uma inclusão efetiva de criança com TEA nas aulas de educação física escolar, necessita de um professor que tenha o conhecimento sobre as especificidades de seu aluno, para que possa alterar sua aula para poder fazer uma inclusão positiva (RIBEIRO et al., 2021).

Desafios encontrados pelos professores

Buscando levantar quais eram as maiores dificuldades dos professores nas aulas de natação para crianças autistas, foi apresentada a questão do comportamento do aluno, em se manter paciente e esperando a vez para ir realizar o exercício.

“P1 - ele precisa de uma atenção só para ele, ele não consegue ficar na caminha, ele fica saindo toda hora, ele não tem essa noção ainda do perigo, se eu sair aqui até certo ponto posso ir, ele não tem essa noção ainda, então eu, com a auxiliar, não me atrapalhou, eu consigo desenvolver a aula normalmente porque eu sei que ela tá ali com ele... Agora, se eu tivesse sozinha, com certeza atrapalharia, porque eu não posso deixar ele sozinho, eu não posso tirar os olhos dele”.

Segundo o Mello (2007), algumas pessoas com TEA podem apresentar algumas comorbidades como epilepsia, depressão, ansiedade e déficit de atenção. O déficit de atenção/hiperatividade que é caracterizado por foco exagerado ou distração fácil, é comum em pessoas com TEA. A hiperatividade aborda a atividade motora excessiva (como uma criança que corre por tudo) quando não conveniente ou faz barulhos em excesso. (DSM-5, 2014).

Nota-se como o fator de comportamento e não atendimento de comandos interfere nas aulas de natação, sendo essa uma das características do TEA. Outro ponto salientado pelo professor, é a questão dos níveis de autismo, e por ainda estar acompanhado com algum outro transtorno que dificulta ainda mais o ensino da natação para esse aluno.

“P3 - Eu já tive também um outro aluno que ele ainda é severo, que ele é muito anti social, assim ele não conversa com a gente e ele ainda tem um TOD, então a comunicação dele é afetada total, para dar aula para ele é difícil, o que a gente tenta trabalhar com ele mais, na natação, é a sobrevivência, que ele é um aluno muito agitado dentro da piscina”.

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) afeta muito o comportamento de crianças com TEA, causando ainda mais atraso no seu desenvolvimento, isso se dá por causa uma conduta inapropriada com outras pessoas, devido ao comportamento de irritabilidade, desobediência, desafiando regras com frequência. Quando se apresentam os dois transtornos simultaneamente a interação social da criança fica ainda mais comprometida, nesses casos é importante a família e o profissional que está ali com o aluno seguirem as orientações dos especialistas como o neurologista ou psiquiatra infantil. (Neuro Conecta, 2022).

Papel do Acompanhante Especializado

Ao tentar descrever e entender qual o papel do acompanhante especializado nas aulas de natação, todos os professores ressaltaram a importância de ter essa pessoa dentro da piscina, trabalhando exclusivamente com a criança com o autismo:

“P2 - eu preciso de ter um auxiliar comigo, no caso o estagiário. Então se eu não tiver um estagiário comigo com o aluno autista e há outros alunos na turma, eu não consigo dar a minha aula, dar sequência à minha aula”.

“P3 - normalmente quando a gente tem alunos do espectro do autismo, a gente tem a obrigatoriedade de ter um estagiário acompanhando a gente nas aulas, quando é assim a intervenção a maioria das vezes é feita pelo estagiário, aí com a nossa orientação, claro. Mas para a gente ter uma atenção maior com ele, o estagiário que acaba criando vínculo com ele e eu sou super a favor, porque em uma turma, quando a gente atua em escola, a gente tem uma turma né? turmas normalmente de natação variam entre 8 a 12 alunos dentro da piscina então você dedicar atenção para esses 11 alunos ali, mais um aluno que tem espectro do autista tentar introduzir ele por meio social, já que ele é muito anti social, na verdade, como eu brinco, é complicado. Então a ajuda de estagiário é sempre uma das melhores armas, aí vale a capacitação e quem passar na nossa mão, tanto nossa quanto de quem está começando a entrar nesse meio.”

De acordo com a lei 12.764/12 parágrafo único inciso IV do art. 2º, a pessoa com o transtorno do espectro autista tem direito ao acompanhante especializado nas classes comuns de ensino

regular. Dessa forma é previsto em lei que haja um acompanhante especializado com a criança com TEA na escola.

Souza e Felizardo (2019), reforçam que em razão das características do TEA, se faz necessária a presença de um acompanhante especializado para oferecer o suporte ao professor para que seja possível oferecer uma estrutura de ensino à criança com transtorno.

Ademais, buscando identificar a função do acompanhante especializado, os professores foram questionados e relataram ver no acompanhante as funções de chamar atenção do aluno com TEA e de preservar a segurança do aluno.

“P2 - ele tá ali pra chamar mais a atenção do aluno para turma. Então , se eu tô cantando uma música com objetivo a ser trabalhado ali, por exemplo, de descontração facial, o AT vai estar junto comigo ali também cantando só que olho no olho o chamando: olha fulano, olha só, olha a música, vamos jogar água. O AT vem com aquele aluno, que tem o espectro autista, e faz o deslocamento com ele também, entendeu? Só que a questão que eu o deixo individual ali pertinho do grupo com os alunos é mais questão de segurança se caso e, como a gente tem um processo, está conhecendo aquela criança ainda, a gente não sabe o quanto ao certo que seja o que seja o gatilho para estar entrando em crise.”

O acompanhante especializado tem a função de auxiliar a criança com TEA, dentro do ambiente escolar, a realizar as atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais, podendo ser um tutor, mediador ou professor auxiliar, dependendo da necessidade da criança (HAKIM, 2017).

Apesar de estar previsto em lei o acompanhamento de uma pessoa especializada, na prática não é bem assim, por muitas vezes não é cumprido, pois se contratam pessoas sem qualquer formação adequada, sendo um “cuidador/mediador” ou um estagiário. Considerando que a sua função é fornecer autonomia e independência à pessoa com TEA dentro e fora do ambiente escolar, esse papel não pode ser preenchido por qualquer pessoa (SOUZA e FILIZARDO, 2019).

CONCLUSÃO

Por meio dos dados levantados no presente estudo, conclui-se que os professores não se sentem totalmente capacitados para ministrar aulas com alunos portadores do Transtorno do Espectro Autista. Se justifica essa percepção de não estarem capacitados por cada aluno ter sua especificidade e hábitos diferentes, devido às características da pessoa com TEA de sair

correndo, de não receber comandos, o que dificulta o trabalho do professor na piscina. Ainda está presente, em alguns alunos com TEA a companhia de outro transtorno como por exemplo o TDAH.

Diante das respostas dos entrevistados sobre as adaptações realizadas nas aulas pelos professores por terem alunos com TEA, foi constatado, que quando o aluno tem incômodo durante à aula o professor adapta sua metodologia de ensino para abranger esse aluno, como por exemplo, uma criança com hipersensibilidade auditiva.

Em vista das adaptações apresentadas, os profissionais atuantes na área de natação no ambiente escolar e que ministram aulas para crianças autistas passam por desafios rotineiros, pois a criança com TEA apresenta comportamentos como não ficar na caminha, dentro da piscina, correr para não entrar na água, etc. Esses desafios, por muitas vezes, não são apenas pelo transtorno do espectro autista, mas por um acompanhamento de outro transtorno como TDAH e TOD que dificulta ainda mais o trabalho do professor e o comportamento da criança, necessitando de ajuda para poder desenvolver as habilidades propostas na aula.

Nesses casos de crianças com um comportamento agravado devido ao transtorno, temos o acompanhante especializado, que teoricamente é uma pessoa especializada, que conhece sobre o TEA. Porém na prática, o que se visualizou nas entrevistas é que os fenômenos não são assim tão ideais. Qualquer pessoa atualmente ocupa esse papel na escola, seja ela um estagiário ou um tutor. Dessa forma, foi visto pelos professores que o papel do acompanhante especializado é de estar com o autista chamando sua atenção, realizando as atividades da aula com ele, e preservando a segurança do aluno.

REFERÊNCIAS

AMA – Associação de amigos do autismo. **Definição**. 2017. Tradução e adaptação por Vinicius Aguiar.

BARBOSA, A. M; et al. **O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo**. XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE. Curitiba. 2013.

BEZERRA, T. L, Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício** - Volume 12 Número 4 - julho/agosto 2013

BORSATTO, V. M, FRANKEN, M. O contexto da pedagogia da natação na educação física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física** – vol. 19, n.1, 2020.

BORTOLUZZI, R. V. **Natação na escola: um recurso metodológico para o desenvolvimento motor**. 2015. 27 p. Monografia (Conclusão de curso em Educação Física em Licenciatura) Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Rondônia. 2015

BRANDALISE, E. V. **Educação Física Escolar: O retrato da natação em escolas públicas de Florianópolis/SC**. 2017. 67 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física - Licenciatura). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. Brasília-DF, 2021.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 4. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

CHICON, J. F.; CARVALHO SILVA DE SÁ M. G.; FONTES, A. S. Atividades lúdicas no meio aquático: Possibilidades para a inclusão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 103-122, abr./jun. 2013.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: **Cortez**, 1992.

COSTA, k. T. L.; et al. Percepção dos pais sobre hipersensibilidade auditiva de crianças com sinais clínicos de risco para o Transtorno do Espectro do Autismo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, Natal, RN. 11 p. 2022.

DIAS, D. Z. **O lúdico como recurso metodológico no ensino da natação para crianças de zero a seis anos**. 2021. 13 p. Trabalho de conclusão de curso (Grau de bacharelado em Educação Física) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

DICIO – Dicionário de Português Online. Dicio. 2009-2022.

DSM-5 - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. American Psychiatric

Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

FARIAS, D. C. **A natação no contexto escolar**. 1997. 36 p. Monografia (Conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1997.

FERNANDES, C. S. TOMAZELLI, J. GIRIANELLI, V. R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, Rio de Janeiro, v.31. 1-10 p. 28 Out 2020.

FERNANDES. J. R. P.; LOBO DA COSTA. P. H. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.** São Paulo, v. 20, n.1, p. 5-14, jan./mar. 2006.

FERREIRA. N. M. M. **A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular**. 2017. p 29. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Brasília. 2017.

FILHO, E. X. MANOEL, E. J. Desenvolvimento do comportamento motor aquático: implicações para a pedagogia da natação. **Rev. Bras. Ciên. E Mov.** Brasília. v. 10 n. 2 p. 85-94. abril 2002.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J.C; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Tradução: Denise R. de Sales 7. ed. Porto Alegre. Ltda. 2013. 492 p.

GOMES, E.; PEDROSO, F. S.; WAGNER, M. B. Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. **Pró-Fono Revista de atualização Científica**. Porto Alegre – RS. 2008 out-dez 6 p. 2008.

HAKIM, C. Existe lei que determine a presença de um Atendente Terapêutico (A.T) em sala de aula? Qual é a função e formação do acompanhante especializado em sala de aula? **Onda – Organização Neurodiversa pelos Direitos dos Autistas**. 2022.

JUNIOR, F. P. **Estudo aponta aumento da prevalência de autismo nos EUA para 1 em 30**. Tismoo, 2022.

Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Lei Berenice Piana. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12.764.htm Acesso em: 08 nov. 2022

LIMA, R. S.; SALOMÃO, R. E. M. **A natação na Educação Física escolar: Práticas e desafios**. 2020. 15 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni. Minas Gerais, Brasil. 2020.

LORENZO, R.; RODRIGUES, Y.; LIMA, A. A. Inclusão Escolar de Crianças Dentro do

- Espectro Autista. **O portal dos Psicólogos**. Bahia. 2020.
- MARÍN, A. M. Atividades aquáticas como conteúdo da área de educação física. **Revista digital – Buenas Aires**. Ano 10. n° 73. junho de 2004. Tradução Leonardo Delgado.
- MEC/SEESP – Secretaria de Educação Especial – Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2007. Disponível em: [politica.pdf — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](#). Acesso em: 01 de setembro de 2022.
- MELLO, A. M. S. R. **Autismo Guia Prático**. 9. Ed. Brasília, AMA, 2007. 111 p.
- NASCIMENTO, A. L.; BORGES, F. V. A. O lúdico como fator estimulante para o desenvolvimento dos alunos com espectro autista nos anos iniciais. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2021.
- NEURO CONECTA. Como o Transtorno opositor desafiador afeta o desenvolvimento do autista. **Neuroconecta**. 2022. Disponível em: [Como o Transtorno Opositor Desafiador afeta o desenvolvimento do autista | NeuroConecta](#). Acesso em: 08 nov. 2022
- NOVISCKI, J. **A natação como auxiliar no desenvolvimento escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2017. 44 p. Trabalho de conclusão de curso (Grau de licenciado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Bauru. 2017.
- OLIVEIRA, J. S.; et al, **Benefícios da natação para a criança autista: um estudo de caso**. Vita et Sanitas, v. 15, n.1, 2021.
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília. 1997. 68 p.
- PEREIRA, M. A. C. **A importância do lúdico no primeiro contato com o meio líquido na educação infantil**. Goiana/PE. 7 p. 2018.
- PINTO, N. C. **Atividades aquáticas como conteúdo da educação física em escolas da cidade de Teutônia/RS**. 2016. 14 p. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Educação Física/ Licenciatura) Centro Universitário Univates. Lajeado, junho de 2016.
- RIBEIRO et al. Conhecimentos sobre comportamento motor e atitudes de professores de Educação Física face à inclusão de alunos com TEA. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, v. 22 n. 1, p. 143-162, Jan./Jun., 2021.
- SANTOS, S. A.; BROGNOLI, M. O. Transtorno do Espectro de Autismo (TEA) e o Atendimento Educacional Especializado (AEE). **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Vol. 11. 14 p. 2005.
- SCHMIDT, C. et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo. v.18 n.1, 15 p. 2016.
- SERRA, D. C. G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos**. 2004. 113 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do estado do Rio

de Janeiro. Rio de Janeiro. 2004.

SILVA, M. C. Aspectos pedagógicos das atividades aquáticas. 1º Edição.

Curitiba. **Intersaberes**. 2020.

SOUZA, F. M. A. S.; FELIZARDO, J. E. A. Transtorno do Espectro Autista: A importância do Profissional Especializado no meio Pedagógico. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. V. 13. N. 48. p. 12. dez. 2019.

TEIXEIRA, B. M. CARVALHO, F. T. VIERA, J. R. Avaliação do perfil motor em crianças de Teresina-PI com transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Educação Especial**, Piauí, v. 32. p. 20. jan. 2019

TOMAZELLI, A.; GOULART, R. R. **Importância da natação para desenvolvimento motor de crianças de 03 a 05 anos**. 2019. p 12. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física – Licenciatura) – Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul. 2019.

TOMÉ, M. C. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v.8, n.11 jul/dez 2007.

VITO, R.V.P. & SANTOS, D. O desenvolvimento motor e a aquisição de habilidades Motoras em autistas. **Perspectivas Online: Biológicas & Saúde**, v.10, n.34, p.1-15, 2020.

ANEXOS

Perguntas do questionário

1. Há quanto tempo você se formou em Educação Física e quando começou a atuar com a natação?
2. Desde quando atende alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?
3. Você teve alguma capacitação específica para trabalhar no atendimento a crianças com TEA? Se sim, quais?
4. Você acredita que a sua capacitação é suficiente para atender crianças com TEA? O que gostaria de estudar para ampliar a sua capacitação?
5. Em sua opinião, como as pessoas veem os profissionais que atuam com crianças com TEA? (RELAÇÃO COM OS PAIS, SOBRE ROTINA E TROCA COM O PROFESSOR ACOMPANHAMENTO.)
6. Quais são os educativos e atividades das aulas de natação que contemplam crianças com Transtorno do Espectro Autista?
7. Você atende alunos com TEA que apresentam diferentes níveis de comprometimento? Como que o nível de comprometimento dos alunos interfere nas aulas de natação?
8. Qual é a melhor forma de interagir com uma criança que tem TEA nas aulas de natação?
9. Há o auxílio de um Atendente Terapêutico (AT) em suas turmas de natação que incluem crianças com TEA? Qual o papel do AT no desenvolvimento das aulas?
10. Quais estratégias você utiliza para que o aluno com TEA tenha interação com as demais crianças nas aulas de natação?
11. Como as demais crianças (neurotípicas) interagem com o aluno com TEA nas aulas de natação?
12. Qual recado você deixa para os futuros profissionais que irão trabalhar com aulas de natação para crianças com Transtorno de Espectro Autista?